



Famílias de acolhimento

A «Roda»

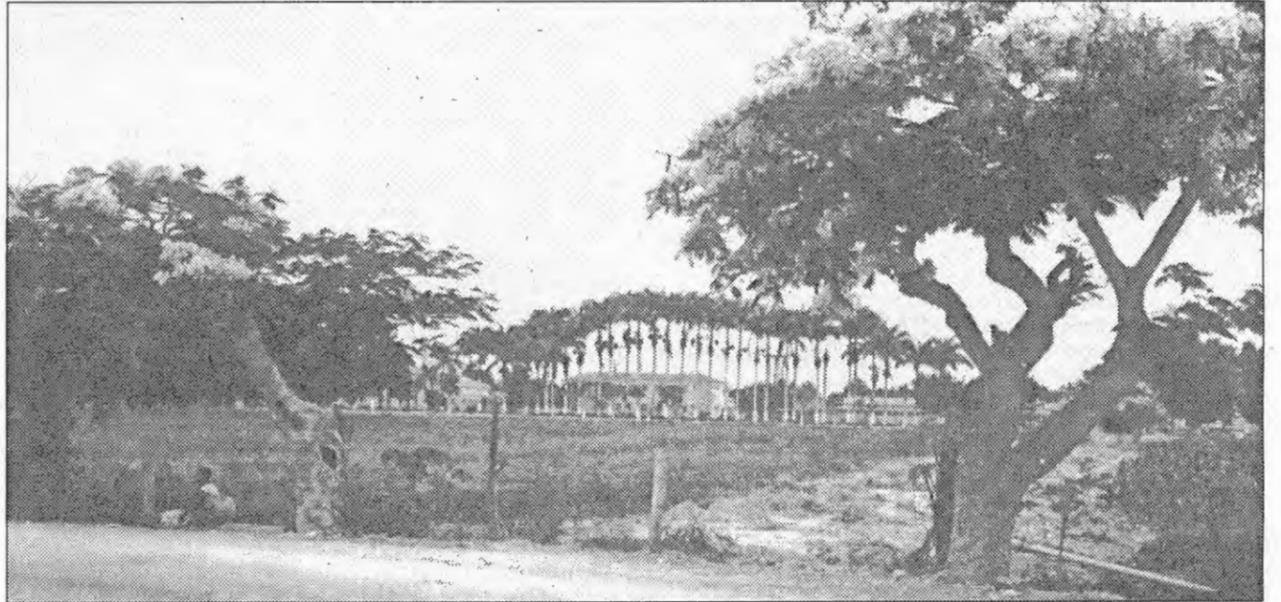
QUANDO, há quarenta e cinco anos, primeiro em férias de Seminário e depois já padre, conheci a nossa comunidade de Paço de Sousa, havia nela vários rapazes que tinham vindo da «Roda» para famílias rurais a quem era paga uma tença e depois, por dificuldades surgidas no seio dessas famílias, transitaram para a Casa do Gaiato.

A «Roda» era um nome de tradição. Vinha daquele tempo em que alguém, geralmente mães solteiras, ia depor as crianças, anónimamente, num armário rotativo existente na portaria das instituições que recolhiam essas crianças, às vezes sem qualquer identificação, e depois as colocavam em Estabelecimentos para abandonados ou em famílias dispostas a recebê-los.

Ao tempo a que me reporto, já não funcionava propriamente a «Roda». Eram as Juntas de Província, depois Distritais, que assumiam esse serviço assistencial e encaminhavam essas crianças como podiam.

A tença era muito pequenina. Mas também as economias familiares o eram... e a tença fazia jeito! Aquela boca a mais, a princípio pesava pouco. O pior é que a generalidade destas famílias não estava preparada para uma tarefa educacional; e o crescimento das crianças ia trazer problemas que geravam tensões, quer porque a tença deixava de compensar, quer pela reacção das crianças que, percebendo-se corpo estranho no seio daquela

Continua na página 4



BENGUUELA

A Casa do Gaiato não é um armazém...

TENHO que levantar bem a cabeça e abrir os olhos; olhar pelas janelas rasgadas e ver o mais longe possível, que a vida com sua história pesa muito. Ao escrever estas notas estou a sentir-lhe o peso e os braços erguem-se para segurar a cabeça.

Diante de mim estão os processos de trinta e cinco crianças que me foram entregues pelos serviços oficiais a ver se podem entrar na Casa do Gaiato numa só vez. A situação é assim mesmo: os casos são tantos,

que as pessoas querem resolvê-los de qualquer maneira. Ora temos dito e feito ao contrário. A Casa do Gaiato não é um armazém onde se recolhem os meninos como quem guarda sacos de qualquer coisa. São pessoas a quem temos que dar o mínimo necessário para um crescimento normal. Não-de vir pouco a pouco. Deste modo andamos mais ao jeito do ritmo natural da vida.

Vou pegando na história de cada um, entretanto. A maior parte tem, apenas, o nome. Nem pais nem terra, nada!

Sempre que nos debruçamos sobre este assunto sentimos a responsabilidade a vir ao de cima. É que, se nada

têm, a Casa do Gaiato há-de ser tudo para eles. Meu Deus, como vai ser?! Quanta disponibilidade! Quanta atenção! Quanta paciência! E, antes de tudo, quanto amor! Por isso, de há um tempo para cá, mais uma preocupação me vai roendo: um parque infantil para os mais pequeninos e os que estão logo a seguir. A ocupação das horas de recreio ou começa a ser bem orientada desde muito cedo, ou torna-se em problemas. Vamos fazer tudo na nossa oficina de serralharia. Há que recorrer a estes meios naturais como a autênticas tábuas de salvação. São meios que estão ao seu nível. Por eles vem o esquecimento da guerra e,

Continua na página 3

ENCONTROS EM LISBOA

Decisões educativas

HÁ decisões que, por mais ponderadas que sejam, estamos sempre longe de poder prever quais as suas consequências para o futuro. Isto é ainda mais verdade quando se trata de decisões educativas diante de uma determinada pessoa e, se nos colocarmos diante dos problemas à luz de Deus, aumenta a nossa incapacidade de previsão. Cada decisão é um risco. Por vezes, consola-nos a paz e a alegria interior que encontramos. Não fiquemos em coisas teóricas.

Estes últimos cinco meses foram vividos, em nossa Casa, sob a influência das aventuras do Buio. Depois de, na companhia de outro, ter feito uma «cavala» que custou à Casa cerca de quatrocentos contos, foi castigado. Decidiu não aceitar o castigo e fugiu. Tem

dezassete anos. Muitos problemas por resolver. Dadas as origens, fiquei preocupado. Não foi visto durante cerca de um mês. Apareceu um dia à hora do almoço. Disse que vivia com a mãe. Aproveitou-se do facto de estarmos todos no refeitório para ir encher o saco de roupa esvaziando armários de colegas da sua idade. Soube, depois, que tinha saído de casa da mãe. Por onde andaria? Não tardámos a ter notícias. As portas da rouparia, lavandaria, parque, armazém da roupa, passaram a aparecer arrombadas. Era visto pelas redondezas e todos tínhamos a certeza de que era ele que fazia este trabalho. Quando se encontrava com algum rapaz da Casa era capaz de se rir na cara dele em ar de troça. Diante de algumas trapalhadas em que se meteu, foi choramingando e des-culpando-se

que era da Casa do Gaiato e assim foi levando as pessoas na «história do coitadinho». A parada subiu até que foi parar à polícia. Também aí afirmou que era da Casa do Gaiato e a polícia queria entregar-mo. Disse que não pertencia à Casa desde Maio. Deviam fazer o que melhor entendessem. Dois dias depois foi apanhado a dormir no nosso armazém da roupa, mais uma vez com a porta arrombada.

É-me apresentado. Pergunto o que quer de nós para nos fazer o que tem andado a fazer. Resposta: «Quero voltar aqui para casa». Era a segunda vez que via chorar este rapaz. Uma primeira, foi para me prometer que não voltava a fazer determinada trapalhada e posso dizer que felizmente não voltou. Que fazer agora?

O perdão

Expliquei que não via da parte dele um arrependimento capaz de poder exercer o perdão, porque, nestas coisas o perdão só se torna eficaz se, entretanto, houver da parte de lá o arrependimento. A minha cabeça ficou cheia com a parábola do filho pródigo e continuava a perguntar: — Que fazer?

Pedi aos que têm mais de dezasseis anos que me ajudassem a decidir. Reuniram durante um longo tempo. Veio a resposta: «Aceitamos que ele volte com a condição de o senhor Padre lhe arranjar emprego para ele pagar tudo o que estragou na Casa». Foi a minha vez de explicar que em Casa não há rapazes de primeira e segunda, condicionais e não condicionais. Se a decisão era vir, assumíamos o facto com tudo o que a Casa tem e pode dar. Ficou...

A nossa vontade de perdoar é grande. Deus ajude a que o perdão seja eficaz, encontrando o arrependimento necessário. Assim, o sofrimento será redentor e a Boa Nova de Jesus continua a marcar os caminhos dos homens.

Padre Manuel Cristóvão

Conferência de Paço de Sousa

NOVOS POBRES — Partilhámos muito, muitas vezes, com «oficiais do mesmo ofício»; isto é, com outros(as) recoveiros(as) dos Pobres. Horas magníficas, fora do turbilhão do mundo.

Tema d'hoje: os *novos* Pobres que desejam ninguém saiba das suas carências, algumas bem vultuosas e/ou dolorosas. Até prefeririam recusar (com dignidade) a nossa presença. Justo direito à privacidade.

Vivendo o problema como seu, como de gente da sua família, a vicentina chorava com sentidas lágrimas o mal dos Outros: — *Se o povo viesse a saber, não compreenderia o nosso auxílio àquela gente! Hoje, tive que lhes dar uma malga de caldo em minha casa...*

Por fim, num meio pequeno em que todos se conhecem... e desconhecem, abrimos espaços para a solução que melhor se ajustará ao problema, amassada nas lágrimas daquela mulher cristã — que serve cristãmente os nossos irmãos em necessidade.

PARTILHA — Um cheque da assinante 33275, do Porto, dividido por vários sectores e pela nossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus: «(...) *Se a memória não me atraiçoa, hoje, dia 23 de Outubro, é o aniversário natalício de Pai Américo. Ele, no Céu, não deixa de rogar ao Senhor por todos os seus filhos.* É verdade!

Os habituais 2.500\$00, do assinante 17258, para uma Viúva. Idem, de um casal-assinante, do Fundão: 11.000\$00.

Mais 10.000\$00, da assinante 5025, de Coimbra, «*quantia oferecida por mim e pela minha irmã.*» O mesmo, também da Lusa-Atenas — aonde Pai Américo tarimbou... — «*para ajuda da conta dos medicamentos dos Pobres, ou caso entendam ser necessário noutro lado.*» Aliviou a conta da botica! O pensamento de Ignácio Larrañaga — impresso no pé da missiva — é riquíssimo: «*Só na pátria da pobreza ondeiam as bandeiras da liberdade.*»

Outra presença habitual: o assinante 4395, de Vila Nova de Famalicão, manda «*5.000\$00 que aplicação como o vosso bom senso aconselhar.*» Delicadeza!

Durban — África do Sul: cinquenta rands do assinante 9313, «*insignificante importância para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, para ser investida num caso de urgente necessidade.*» São tantos!

Mais dez mil, de «*Velha Amiga de Figueira,*» com a amizade de sempre. E muita gratidão pelo voto expresso.

De «*uma portuense qualquer,*» a «*amigalha*» (5.000\$00) relativa ao mês de Outubro, para ajuda aos Irmãos mais carecidos.

Por fim, um desabafo da assinante 14493 cujo estado d'alma endossamos às Mãos do Senhor nosso Deus: «*É com profunda tristeza que comunico a partida, deste mundo, do meu tão querido marido. Palavras não consigo dizer. Há um vazio enorme após 59 anos de comunhão — e custa tanto! Todos me dizem que o mundo não*

Pelas CASAS DO GAIATO

pára, que é necessário viver para os Outros... Ele gostava muito que eu ajudasse. Por isso, continuando a cumprir o meu dever, envio esta quantia à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus para alguma carência mais urgente, esteja ela onde estiver.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

CATEQUESE — Começou para a malta da Casa, especialmente para os mais pequenos, todas as quartas-feiras.

ESTUDO — Está a decorrer bem, com pouquinhos queixas dos professores.

VISITAS — Recebemos muitas, principalmente ao domingo. Agradecemos.

RETIRO — Alguns dos nossos rapazes foram ao Retiro no fim-de-semana. Eles, que bem gostaram, esperam outro em próxima oportunidade.

VIDA MILITAR — Mais um rapaz cumpriu o tempo de tropa. Agora está cá para arranjar um posto de trabalho e resolver a sua vida.

MUDANÇAS DE MESA — Já se efectuaram. Alguns trocaram de mesa, outros de refeitório. Temos que nos habituar aos novos lugares para nos conhecermos cada vez melhor.

REGRESSO — Regressou o «Paulo Cigano». Depois de muito tempo fora, chegou na mesma situação do irmão: traumatizado! Ficámos contentes pelo seu regresso porque mais uma vez ele tem grande possibilidade de ser um homem para a vida.

«Vitinho»

ANIVERSÁRIO DE PAI AMÉRICO — Foi no dia 23 de Outubro. Seriam cento e sete anos...

Pai Américo continua no meio de nós. O seu aniversário é prova disso.

A efeméride coincidiu com o Dia Mundial das Missões. Tivemos uma presença muito especial: a Rádio Renascença transmitiu, em directo, a nossa Eucaristia. Esperamos que tenha sido ouvida por todo o País e também em África, onde se encontram mais três Casas do Gaiato: Benguela, Malanje e Maputo. Graças a Deus decorreu tudo bem.

Agradecemos o grande bolo que nos ofereceram para festejar os anos do nosso Pai Américo.

DESPORTO — No dia 23 de Outubro defrontámos o Futebol Clube da Calçada, Oldrões (Penafiel). Um jogo para esquecer porque as coisas correram mal. Sofremos a primeira derrota. Quem não gostou, foi o nosso técnico. No final deu um psicológico *puxão de orelhas* aos jogadores para não repetirem a gracinha. Resultado final: 3-4.

Também, no domingo passado, defrontámos uma formação da Vila de S. João de Ver. O Clube Desportivo da Lavandeira. Era uma equipa recheada de excelentes jogadores e com uma notável organização. Mas o nosso grupo foi superior.

Ao princípio as coisas pareciam sei lá o quê!... Mas, no decorrer do tempo, tudo voltou ao normal.

A nossa equipa sabia que não podia perder o jogo. Por isso, cumpriu as ordens do técnico e conseguimos ganhar. Resultado final: 8-3.

No feriado, Dia de Todos os Santos, defrontámos uma formação de Cête. Eles vieram desforrar a derrota que sofreram, há tempos. Só que não conseguiram porque mais uma vez demonstrámos a superioridade do nosso plantel. Resultado final: 6-2.

Repórter x

MIRANDA DO CORVO

MILHO — O nosso milho está apanhado, descamisado e debulhado. Deu muito trabalho, mas felizmente já só falta espalhar algum para secar melhor e depois ir para a arrecadação.

OBRAS — Estão a correr bem. Já colocaram alguns azulejos na cozinha, estando a ficar com boa aparência. Quando estas obras estiverem prontas, seguem-se as da copa.

AGRICULTURA — A erva foi semeada nas terras onde estava o milho. As couves que plantámos, há semanas atrás, estão a crescer com força graças à chuva que tem caído.

FRUTA — Já apanhámos a fruta. As nozes e também as romãs, etc.

Temos cá muita fruta em Casa. Alguma oferecida e outra nossa. Agradecemos a quem gosta de se lembrar da nossa comunidade.

DESPORTO — Não temos tido visitas nem equipas para nos defrontar. Agradecemos a quem arranjar um grupo que nos queira defrontar. Enquanto não vem ninguém, a nossa equipa limita-se a treinar.

Frederico

BENGUELA

PECUÁRIA — Na vacaria, agora temos vacas e vitelos. As vacas só dão machos e nós queríamos também vitelas. Gosto muito de ver os vitelos a correr. Até parecem cavalos! Quando se mata algum boi, a cabeça é do pastor que se chama Auxílio. Ele é ajudado por alguns de nós. Temos também ovelhas e carneiros. O rebanho está a aumentar com o nascimento de machos e fêmeas. Aos domingos abatemos sempre um carneiro. Quando estão a diminuir, o nosso Padre Manuel compra carne no talho. Só comemos carne ao domingo porque custa muito dinheiro.

Estou a trabalhar na pocilga e trato bem dos porcos. Eu mais o Cascurinho. Nasceram quatro ninhadas de porcos e estou muito contente. O senhor Padre ficou muito zangado quando viu uma porca que não queria dar de mamar. Temos mais quatro com filhos na barriga. Esperamos que não os matem e sejam boas mães, senão vão para a faca. A comida é luzerna e farelo de trigo misturado com farinha de milho. Os leitões são para vender e realizar dinheiro para comprar outras coisas.

Nasceu uma ninhada de coelhos. Não foi boa mãe porque em vez de os ter na casinha foi tê-los no chão... Tratamo-los bem para termos carne. Eles brincam como se estivessem num parque, correndo, saltando e esperando pela luzerna. Temos quatro porcos índios. Uma está cheia e esperamos que nasçam bem.

Nelito

COZINHA — Às vezes sou cozinheiro, quando me calha a faxina. Gosto muito da cozinha. Alguns rapazes podem ser cozinheiros mais tarde. Temos uma senhora que nos ensina a cozinhar. Ela chama-se Ana. Já nos ensinou a fazer vários pratos, como por exemplo: arroz, peixe frito, massa com carne, pirão com molho e peixe, etc. O nosso Padre Manuel costuma dizer que na cozinha só deve estar quem lá trabalha. Em cada semana estão lá dois rapazes para fazer a comida.

SALÃO DE FESTAS — Também temos um salão de festas. Agora já tem luz e foi um dos gaiatos antigos, o Evaristo, quem o arranjou. No dia 11 de Outubro estava tudo pronto. Uma alegria para todos nós!

Toni

ESCOLA — Gosto muito da escola porque nela aprendemos

o que é preciso para a nossa vida: ler, escrever e mais coisas. Todos queremos estudar. Vimos as pautas dos que passaram e dos que reprovaram. Vou citar alguns nomes dos que passaram: Marcolino, Benguela, Henrique, Kativa, Pio, etc. Estamos contentes porque muitos revelam vontade de estudar. Os que fizeram a quarta passam à quinta-classe numa escola da cidade de Benguela.

Agostinho

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Aproveitamos esta crónica para destacar as mensagens enviadas pelos nossos Amigos: «Vinte mil escudos referentes ao quarto trimestre deste ano. Que Deus abençoe o vosso apostolado são os votos da irmã em Cristo — Maria Bernardette». Cheque de 7.000\$00, «para os meninos, pedindo a Deus Pai confirme sobre vós a obra das vossas mãos e seja tudo para sua honra e glória, até à vinda do Senhor Jesus, nosso Deus, e vos fortaleça na sua Graça». Cheque de 10.000\$00 «para ajudar um Pobre vosso protegido. Ninguém melhor do que vós sabe para onde levar a oferta. É pouquinho, mas vai com muito carinho. Deus vos ajude e proteja a todos. O abraço amigo da Lígia». Dez mil, e «venho agradecer a Jesus tudo quanto tem feito por mim e peço a graça de agradecer a S. Francisco de Assis tudo quanto tenho recebido das divinas mãos do Senhor».

Mais 500\$00: «É pouco mas é do coração, assim dou o meu contributo para ajudar os nossos irmãos mais pobres». E de uma mãe aflita, 10.000\$00. Cheque de 7000\$00 e «Deus vos ilumine e enriqueça espiritualmente para que a Pessoa de Jesus Cristo seja cada vez mais real em vós, em Nome de Jesus e dê muitas forças espirituais e físicas para poderem continuar nessa bela tarefa de ajudar os Pobres, de forma que eles não sejam só saciados materialmente, mas também espiritualmente». Luísa com 10.000\$00. Assinante 3359, 1.500\$00; Campo Lindo, cheque de 10.000\$00; vale de 3.500\$00; Maria do Céu, 4.000\$00; «velha amiga de Figueira», 10.000\$00; anónimo, 5.000\$00; J. R. D., 2.000\$00. Margarida: «Como, há tempos, havia prometido, junto um cheque de 20.000\$00».

Conferência de S. Francisco de Assis — Lar do Gaiato — Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Muito obrigado.

Casal vicentino

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

FESTA DE NATAL DE 1994 — Com o aproximar do fim do ano, estamos chegados à quadra natalícia. Assim, como já vem sendo habitual, a Associação dos Antigos Gaiatos do Norte realizará a tradicional festa de Natal destinada, particularmente, a todos os pequeninos até aos 10 anos de idade, filhos ou netos de *todos os antigos gaiatos*, quer sejam associados ou não e que pertençam à nossa grande família.

Esta festa é sem dúvida uma das mais riosas e sublimes manifestações dos laços de família que sempre existiram na Casa do Gaiato e os Padres da Rua ao darem o seu total apoio, querem, com a sua presença, manifestar a alegria por verem em seu redor os seus antigos filhos e os novos rebentos da Obra da Rua, na pessoa dos pequeninos a quem é destinada a festa. É nesta simbiose de apoteose à família e alegria que os Padres da Rua retiram a recompensa pelo seu árduo trabalho na formação de todos os gaiatos que batem às portas das nossas Casas e aqui se fazem Homens para a vida.

Como já fazemos desde 1992, a festa será em Paço de Sousa. Em boa hora se pensou assim porque se não tivéssemos um salão tão grande, como o da nossa Aldeia, decerto não caberiam todos. Além disso, a Obra quer, assim, juntar todos os pequeninos, filhos e netos dos antigos gaiatos com os «Batatinhas». Esta será mais uma forma de partilharmos a alegria de nos juntarmos à comunidade de Paço de Sousa.

As festas de Natal continuam a ser a «menina dos olhos» da Casa do Gaiato e é com grande júbilo que verificamos a alegria dos nossos Padres no contacto com todos aqueles pequeninos, que são os novos rebentos da fecundidade da Obra da Rua, e um hino de louvor a Pai Américo.

O grande convívio será em 18 de Dezembro (domingo), pelas quinze horas, em Paço de Sousa e contará com um programa aliciante, incluindo música, filmes, cantares de Natal e a habitual distribuição de brinquedos e guloseimas à pequenada.

Fernando Marques

Associação da Comunidade O GAIATO - Setúbal

ASSEMBLEIA GERAL — Caríssimos Associados, pretendemos chamar a vossa atenção para dar conhecimento da nossa realidade e procurarmos sempre a vossa opinião.

Por isso, como estais lembrados, na última Assembleia Geral, no encontro anual, não conseguimos um elenco para os corpos gerentes. Assim, propomos a toda a massa associativa uma Assembleia Geral, para o dia 27 de Novembro, domingo, pelas 15 horas, conforme determina o Artº 12º dos Estatutos.

É de toda a conveniência a presença dos sócios em grande número!

Não faltes!

Américo Correia

Tribuna de Coimbra

Os nossos Amigos

É sempre com agrado que nos apraz registar as inúmeras presenças de Amigos em nossa Casa. Sensíveis ao problema da criança e do rapaz abandonados, entram porta adentro, com vénia e respeito, abrem a carteira ou a mala do carro e, sob o olhar curioso da pequenada, deixam sacos de roupa boa, calçado de todos os tamanhos, guloseimas de «fazer crescer água na boca...», muitas notas e cheques. Não teorizam nem deixam recados. Esquivam-se a dar receitas e, olhando para nós e para tudo o que os rodeia com imensa simpatia e agrado, despedem-se com palavras de ânimo e estímulo. Estes são os nossos Amigos.

Gestos significativos

Peguei no rolo dos últimos que têm por cá passado. É para bem de todos que se traz à luz desta coluna alguns gestos significativos. A todos Deus recompense pelo imenso bem que deixam entre nós.

O senhor Manuel do peixe, de Vila Seca, prefere trazer aos gaiatos o que sobra da venda que vender ao desbarato. Deliciosas sardinhas com os pimentos da nossa horta têm enriquecido algumas das nossas refeições. Uma carrada de calças, casacos, camisas de todos os tamanhos, chegaram de Proença-a-Nova, poupando-os ao «fogo» do fisco... Quase a todas as refeições, os iogurtes que o nosso Padre Cristóvão reparte connosco. As sobras do Continente, também repartidas connosco, fazem

a maior parte das nossas sobremesas.

Um casal de Castelo Branco ofereceu o almoço aos distribuidores d'O GAIATO, naquela cidade, e, no fim, 80 quilos de mel mais um cheque de 100 mil. No mesmo dia, em Castelo Branco também, as irmãs do Colégio com duas notas de 5 mil. Ainda de lá, Maria do Rosário com cheque de 40 mil, para as passeadeiras da casa-mãe. Mais 20 mil, de Castelo Branco, noutra altura. E, já no final de Outubro, a «romagem» tradicional de um grande grupo de Amigos de lá. Um farnel farto até sobrar para outras refeições. Uma enorme vontade de nos ver e de comungar alegrias e preocupações do dia-a-dia. A Palavra de Deus foi tema de encontro e união neste belo dia. À despedida, 670 contos. «Alguém», com 50 mil. Por alma de seu irmão sacerdote, 100 mil. De Febres, 10 mil. Várias respostas aos apelos do nosso Padre Horácio, em «Património dos Pobres», somam uma boa quantia. Da Amadora, 50 mil. Para a Obra do Padre Américo mais 10.000\$00. De Condeixa-a-Nova, 25 mil. Um grupo de Pelariga, 14.255 escudos. Em Abrantes, «por alma dos meus», 25 mil. Alunos de Escola Secundária da Quinta das Flores, 20 mil. Uma excursão, de Coimbra, com a soma de 10.237\$00. Um Amigo, de Coimbra, veio a nossa Casa e deixou um envelope que tinha lá 180 contos. De Aveiro, 10 mil. De Almada, 15 mil. Uma conterrânea com 5 mil. Na visita de um casal — pediram que recebêssemos dois que agora são nossos — muitos mimos e 20 mil. De Castelejo (Fundão),



Trabalhar «como quem brinca» — com sorriso nos lábios.

cinco notas de 10 mil, por mão dos distribuidores d'O GAIATO. De Cardigos, 15 mil. Um casal de professores com um cheque de 60 mil. Um engenheiro, de Coimbra, que vem em outras alturas, discretamente, deixou um cheque de cem mil. As irmãs, de Vila Real, mandaram 15 mil para «os seus gaiatos». Uma Eugénia, de Coimbra, um dia a ajudar na cozinha e na despedida um cheque de 50 mil. Um casal, de Pombal, com 50 mil. Um casal «agradecido...», 20 mil. Do Porto, «por amor do próximo...», 25 mil. A Escola Eugénio de Castro com 35 mil. A Escola Preparatória da Pampilhosa com 44.700 escudos. O 6.º D da C+S Alice Gouveia com 8 mil. A Missão Católica de Frankfurt com 150 mil. 240 mil, de S. José, para o nosso fogão, noutra altura aqui mencionados. Uma Missa em Vila Seca, nota daqui e dali, ficou em 30 mil de estipêndio, para

aplicar nas necessidades dos «meninos». Amiga, de longa data, com hora marcada e dia certo, tomou o chá connosco, viu tudo bem, fez apreciações oportunas sobre as nossas obras, a cozinha, a copa. Gostou de saber do envolvimento dos rapazes; que em tudo está bem presente a sua marca. Quis saber custos e mais coisas da sua conta e da nossa também. No fim, um cheque que não era para olhar: um milhão de escudos. Deus a abençoe!

Resta-me registar a ajuda preciosa dos nossos peditórios durante o Verão por essas praias fora. O melhor acolhimento em todo o lado com especial destaque para a Figueira da Foz e S. Martinho do Porto; sem esquecer a Praia de Mira, Luso, Monte Real e S. Pedro de Moel.

Saboreamos com alegria e esperança estes sinais de Deus entre nós.

Padre João

DOCTRINA



Quem não semeia comigo, desperdiça.
Do EVANGELHO

EU não assino jornais que me falta dinheiro para os comprar e tempo para os ler; porém, sempre que alguma gazeta me chega às mãos, dobrada e endereçada, já sei por experiência que traz dentro algo da minha vida e leio os louvores ou pancada, que de tudo elas trazem — sorte de quem no mundo procura fazer bem aos homens por amor de Deus. E até mesmo quando se trata da dita pancada, costumam os desordeiros enviar cópia ao meu Superior para que ele venha a conhecer tudo e eles a gozar mais. Mais prudentes os filhos das trevas do que os da luz.

DESTA vez não. Trata-se de um artigo laudatório nas colunas do *Notícias da Covilhã*, nome escondido dentro de um X e na dobra interior, em papel solto, a lápis de cor, um «leia, cale-se e dê graças a Deus». Li, dei graças, mas não me calo. Se este bondoso senhor me conhecesse tal qual Deus me conhece, havia de admirar com espanto e silêncio a Sua Sabedoria, escolhendo para colaborar em coisas tão altas, homenzinhos tão destituídos. Não me calo enquanto não virem na Obra da Rua uma autêntica Obra da Igreja e renderem todo o aplauso e veneração à sua eterna pujança e constante virilidade.

SE o mundo olha para o Padre Américo, há-de necessariamente julgá-lo pela ideia que dele forma; e assim é que uns gostam de lhe chamar Vicente de Paulo; outros, um triste visionário egoísta que procura gozar muito nesta vida para gozar mais ainda na outra; outros, finalmente, um padre tresmalhado a fazer das suas por essas terras fora com um grande *tê* na testa. Dantes também assim era; aos primeiros colaboradores do Evangelho chamavam «idiotas» e eles diziam *amen*. Não é culpa minha nem da Obra; é tua, que não a sabes colocar no seu lugar, chamando-lhe o nome que ela tem — Obra da Igreja.

OS obreiros de hoje, como do tempo da sua fundação, não querem para si ouro nem prata, nem ser pesados a ninguém, ajudando os Pobres com a sua pobreza. Como dantes, também eles hoje não esperam nem confiam nem acreditam nas obras dos homens; não que eles sejam maus, mas sim porque são fracos. E caminham medrosos e vigilantes, os obreiros, com receio de deixarem cair no chão os créditos da sua missão, sendo eles mesmos e sentindo-se tão fracos como os mais. Olha assim para esta coluna do jornal e ergue as mãos de contente, sabendo que na terra existe algo indestrutível, fora e acima de todos os comentários e de todas as apreciações.

O. Américo!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

BENQUUELA

Continuação da página 1

assim, recuperam das graves feridas sofridas.

Estou a lembrar-me do Adriano Kapaya, aqui falado na última crónica. No pouco tempo que está connosco, revela a gravidade das marcas que a guerra do Balombo lhe gravou. Porque ainda é muito pequeno, tenho esperança que virá a curar-se. Mas, se fosse bastante mais crescido, não sei o que seria dele. É, na verdade, uma segunda gestação em que estes pequenos entram. Mais responsabilidade pesa sobre nós.

Mães exploradas pelos homens

Não sei quando ficará reduzido o número destas crianças abandonadas. À medida que vamos aprofundando o problema, verificamos que não é só a guerra a causadora desta desgraça. Ela tem, sem dúvida, a parte

de leão à sua conta. Há, no entanto, um problema de educação de base, que tem muito a ver com esta situação.

Pouco tempo depois de reiniciarmos a nossa actividade, há cerca de dois anos, bateu-nos à porta uma multidão de mães com seus filhos às costas, com outros pela mão e ainda outros nos seus ventres. A cara e a barriga dos filhos reflectiam bem os peitos secos das mães, dependurados, sem pinga de leite. Não se sabia dos homens delas. Passados dois anos, uma a uma vai-me dizendo do regresso deles. Novos filhos são gerados e os homens desaparecem, de novo. As pobres mulheres ficam com mais um filho, sem que o pai dê o mínimo de ajuda na criação dele. Se não há quem dê a mão a estas mães, os filhos ficam caídos no chão, semi-abandonados. Depois, é o abandono total. Confunde-me e deixa-me admirado a tranquilidade com que estas mães encaram a realidade que levam em suas mãos. É o amor

à vida que as leva a viver assim. Mas este amor tem que ser sãmente educado para ser vivido a dois. É por isso que, no meio de tanta desordem, havemos de descobrir os valores, respeitá-los e, a partir deles, irmos mais longe. Não se trata de mulheres de má vida, como é costume dizer-se. São mães exploradas pelos homens, porque não assumem minimamente a parcela de responsabilidade que lhes cabe. É, no fundo, um problema de educação também.

Quem mergulha, a sério, na história deste povo, nunca pode sentir que o trabalho feito é suficiente. É um campo extraordinário para se dar e para sofrer muito. É um campo aberto. Por isso, o trabalho prende, apaixonava

Educação problema primeiro

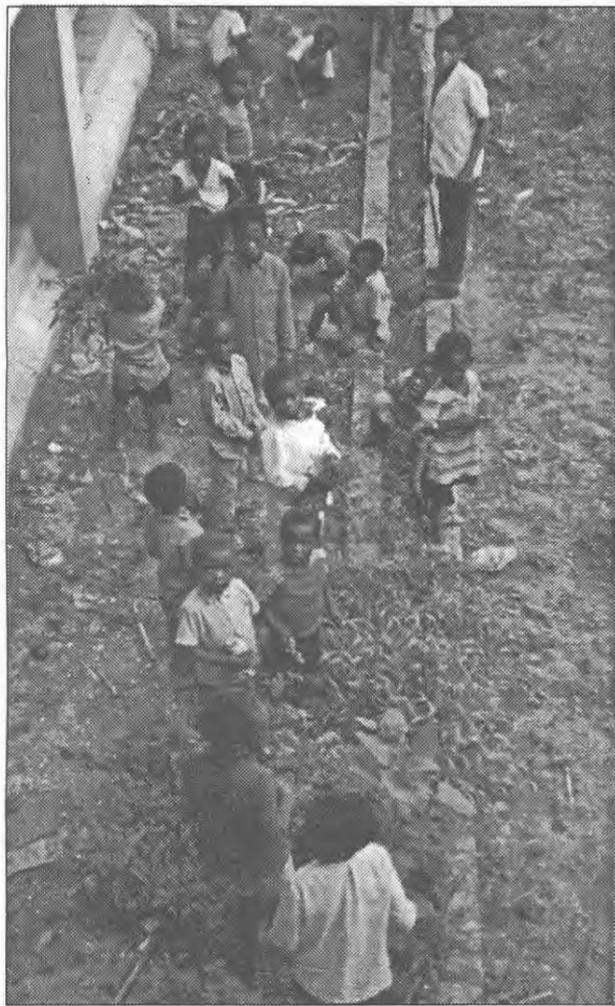
A educação é sempre um problema primeiro, em toda a parte. Aqui, porém, é a pedra sobre a qual se dará o arranque para a

reconstrução. Não consegui realizar o meu sonho de ter o outro edifício escolar pronto para o início do ano lectivo que vai começar dentro de quinze dias, a partir desta data. Nem, por isso, o fundamental ficará por terra. Poremos a escola a funcionar em local provisório, até que possa chegar ao definitivo. Tudo custa os olhos da cara. O dólar é o senhor que faz andar ou faz parar. Vem a propósito uma palavra de agradecimento muito sincero aos grandes amigos Arq. Moreira e D. Ruth que, das terras do Algarve, se lembraram de nós e nos mandaram um cheque, em dólares, sobre a Caixa Geral de Depósitos. Foi um empurrão para a frente.

O Natal vem aí. Leitores amigos, não gasteis dinheiro em vão. Se visseis com os vossos olhos o mundo de miséria merecida em que vivem estes filhos, na sua grande maioria, o vosso coração seria outro. Esperamos a Paz!

Padre Manuel António

Malanje dia-a-dia



10/10/94

— *Meu tio não me quer*, falou o rapazinho.

Antigamente, queria. Com a morte do pai, o tio materno (sempre tio) assumia totalmente.

A guerra, porém, tudo destruiu: casas, lavras, fontes, lugares de cada um, sentimentos e capacidade de ajuda.

Igualmente gerou muros altos e grades de ferro em cada porta e janela — numa sociedade que se defende dos seus próprios erros.

Assusta muito esta destruição apocalíptica... Os próprios pássaros e feras se refugiaram nos sítios mais recônditos...

Novas estruturas e uma renovação nas mentalidades que comece no berço e avance pelas escolas e quartéis.

11/10/94

— *Os países que nos ajudam são os mesmos que vendem as armas com que nos matamos uns aos outros...* — desabafou um angolano que vive e sente os problemas da sua Pátria.

Sim, o problema das guerras não se resolve, simplesmente, com sacos de soja. Isso, não.

Ir às profundezas, onde as raízes se podem alimentar de seiva ou de veneno.

14/10/94

Recebemos hoje o nosso jornal O GAIATO de 1/10/94. Nele, a crônica de Malanje e a presença dos nossos antigos gaiatos de Malanje e suas famílias a residirem em Portugal. Temos a todos no coração e vivemos em espírito, passo a passo, o seu convívio deste ano. Que bom! Como nos consola o sermos «testemunho de família» que somos — como diz Padre Horácio no jornal de 17/9/94.

— *Avô! Avô!*, gritou uma menina numa rua movimentada e correu a beijar-me.

O senhor que me acompanhava ficou surpreso e perguntou-me se já tinha sido casado... E sou ainda, respondi-lhe, com a Obra do Padre Américo — a que gera tais netos. Ele sorriu, deliciado.

Família implica muito amor, contínua doação e entrega total.

Se és jovem e quiseres experimentar, dá o teu passo — serás avô. Se viúva ou solteira e quiseres «ser mais perfeita», vem e mergulha — serás mamã.

17/10/94

Floriram as acácias rubras. Uma beleza!, olhando-as com amor no silêncio da tarde.

Uma sugestão a ter em conta

Informaram-nos que naquela cidade alentejana havia muita pobreza e más condições de habitação. Fomos observar.

Começámos por visitar o bairro do Património dos Pobres. Quando foi construído e habitado ficava isolado de outras habitações. Agora faz parte de um grande aglomerado de casas. Ocupa todo o lado duma mata.

As moradias todas de cara bem lavada, como é próprio do Alentejo, e nem viva alma às portas. Ao fundo da rua batemos a uma. Veio abrir um homem, ainda novo e doente físico, com atitude de delicadeza.

Mora ali com os pais há trinta e tal anos. Nunca pagaram nem pagam nada. O seu desabafo foi uma sugestão a ter em conta: «Devíamos pagar renda. Quinhentos escudos por mês e já podiam agora ter feito muitas casas. Deviam vender as casas aos moradores. Um dia, quando os meus pais morrerem, eu fico na rua. O meu irmão podia bem comprar a casa, mas não a vendem!»

Ficámos impressionados com a delicadeza e sugestão daquele homem. Já temos encontrado muitas situações semelhantes. Aquelas casas têm a cara lavada, mas já temos encontrado

Património dos Pobres

muitas outras com a cara suja e muito «esfarrapadas». E, por vezes, os habitantes exigentes e implantados. A igreja tem de fazer obras — dizem descaradamente.

Sabemos que em muitas terras os habitantes pagam renda, geralmente simbólica. Há outras em que foram vendidas aos seus ocupantes, por preços acessíveis, muitas vezes também simbólicos. Se quiserem saber a nossa opinião diremos que as casas sejam vendidas aos ocupantes que as possam comprar, embora por preço muito acessível. Parece-nos ser a melhor solução.

Deixaria de haver muitos conflitos. Seria um grande motivo de promoção para a família. Cada um estimaria melhor o que era seu. Haveria menos desleixo e preguiça o que já temos encontrado. Não há nada tão saboroso como o que custa sacrifício e renúncia.

Cada paróquia que tem o seu bairro do Património dos Pobres guardaria uma ou duas casas para qualquer aflição ou urgência.

Devemos pensar bem na sugestão daquele homem, nosso irmão.

Antros de habitação sem luz do sol

Procurámos passar por aquela rua antiga. Dum lado são as casas dos quartéis. Muitas portas e nenhuma janela. Várias pessoas às portas. Era dia de semana e hora de trabalho. Toda aquela gente estava sem fazer nada.

Quisemos entrar numa das portas, mas aconselharam-nos a não o fazer: — *Lá dentro não sabemos o que há. Esta gente pode não nos receber bem.*

Se fosse sozinho teimaria entrar. Pai Américo entraria. Não tinha medo de obstáculos.

Gostava de ver e sentir o viver dos Outros. Assim a sua vida e iniciativas andavam para a frente.

Ficámos tristes com aquele panorama. Uma muralha antiga a servir de guarida para muitas famílias e muitas crianças. Que quadro tão triste e carregado!

À volta há habitações luxuosas, mas a nossa dor de alma ficou. Aqueles antros sem luz do sol têm de servir de habitação!

Padre Horácio

Famílias de acolhimento

Continuação da página 1

família e, às vezes, mesmo vítimas de exploração, tornavam difícil e pouco pacífica a convivência. Daí a diligência destas famílias para uma recolocação dos seus pequenos hóspedes — e a saída para alguns foi a Casa do Gaiato.

Poucos progressos na exigência da qualidade

Esta figura, pois, de Famílias de Acolhimento para menores em risco, agora bastante em voga nas técnicas do social, não é novidade. Apenas me parece que se tem progredido pouco na exigência da qualidade. Elas podem e devem ser um valor entre os remédios sempre escassos para a variedade dos males

As chuvas caíram e limpam o pó de todas as folhas. Um verde vivo na cintura da cidade.

Dum dia para outro, homens e mulheres desataram a fazer mibangas em tudo o que é quintal, campo ou berma. Belo, o contraste das manchas cavadas! O cheiro de terra anda no ar oferecendo esperança a cada coração!

Em cada chuvada se vê crescer o milho e as hastes tenras dos feijões romper a crosta.

Há alegria nos olhares! Renasce a Esperança!

Padre Telmo

que surgem relativamente às crianças cuja família não funciona nem oferece perspectivas de desempenhar capazmente a sua missão criadora. Mas, para serem esse valor, à partida, têm de possuir uma sensibilidade às lacunas sociais que são chamadas a colmatar, sensibilidade essa que as motivará ao acolhimento pelo interesse da criança, não pelo seu próprio interesse. Ainda aqui (e sempre!) o dinheiro é a droga-mãe de todos as drogas, que tudo envenena. Ele é preciso e é justo que se preste a quem acolhe, dorido pelo mal da criança e ansioso pelo seu bem. Porém, quando é por mor delé que se acolhe, o acolhimento é falso.

Acode-me o caso de dois irmãos que vieram por iniciativa da sua avó paterna, preocupada com a situação dos netos na família em que se encontravam. Pois da parte desta, com algum apoio do lado materno dos miúdos em desavença com o lado paterno, levantou-se uma reacção que fez quanto pôde para evitar a transferência deles. Felizmente o Delegado do Tribunal da Comarca percebeu bem o centro de tanto interesse (se não erro, vinte e oito contos mensais) e foi firme na decisão.

Outra qualidade que há-de abonar esta forma de acolhimento é a estabilidade. A não ser no caso de um acolhimento breve por impedimento passageiro da família natural — por

exemplo, uma doença — a família há-de ser cuidadosamente escolhida em relação à criança e aos seus problemas específicos. Não vá esta família cansar-se depressa e o menino passa a outra... e anda de mão em mão com as evidentes más consequências para ele desta instabilidade.

O papel dos Agentes do Social

Aos Agentes do Social cabe um papel promotor e educador desta sensibilidade indispensável a uma Família de Acolhimento, bem como a criteriosa escolha desta para a criança em necessidade. Tarefa nada fácil, porque, infelizmente, famílias assim, creditadas por uma vocação, que não por arranjo de vida, não abundam. Melhor que ninguém o devem saber os Técnicos do Social, a quem se não admite a ingenuidade de um optimismo exagerado.

Fomentar o crescimento, em número e em qualidade, de Famílias dispostas ao

acolhimento, sim, é tarefa deles e de todos nós — e a intenção mais profunda destas linhas.

Mas empolar este remédio como panaceia e usá-lo a propósito e a despropósito, isso não. Em primeiro lugar haja sempre em vista a adequação do remédio ao mal que fere a criança e urge curar. Depois, se esta «farmácia» bem provida que seria bom que fosse a sociedade dos homens sãos, deixou «passar» o remédio — que fazer?... Vai-se usá-lo mesmo assim fora da validade?...

Padre Carlos

PENSAMENTO

Nada mais agradável do que a eloquência do coração a dizer coisas humanas com sentimento divino. A beleza encontra-se na simplicidade.

PAI AMÉRICO



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 - Cont. 500788098 - Reg. D. G. C. B. 100398 - Depósito Legal 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Outubro: 72.765 exemplares.